

SOLIDARIEDADE E PROXIMIDADE, UMA SAÍDA À HUMANIZAÇÃO

“Ninguém pode viver sem rostos concretos a quem amar”¹

Mônica Baptista Campos²

Vera Baldez Boing³

Na realidade atual, são muitos os desafios impostos. Poderíamos destacar como um dos mais impactantes a crescente desumanização. Uma condição que deixa muitos em situação de vulnerabilidade, na pobreza, excluídos, exilados de sua existência.⁴ Constatamos a perda crescente da capacidade de amar. A simples e direta indagação que fazemos de como expressar concretamente o amor ao próximo, que motive um processo de mudanças, pode representar um caminho de conversão – um despertar à nossa humanização. A proposta tem como objetivo suscitar a dimensão da solidariedade como caminho na “reconstrução de um mundo ferido”.⁵ Nessa intenção, buscamos saídas criativamente responsáveis para encontrar respostas ao que desafia a nossa crescente desumanização. Para isso, é necessário conhecer e assumir a realidade na qual estamos inseridos. Estamos vivendo tempos de profundas mudanças, ou melhor, “uma verdadeira e própria mudança de época”⁶ e enfrentaremos ainda muitas crises e desafios. Nesse sentido, necessitamos de reflexão, estudo e discernimento para procurar caminhos sustentáveis para todos os seres vivos.

No horizonte de um projeto humanizador, a solidariedade é tomada como ponto de partida à proposta de uma provocação, tanto individual como em comunidade. Neste caso, o nosso lugar de encontro, a Universidade. Seguimos, então, o caminho do diálogo, como lugar revitalizador das relações humanas em todas as dimensões fundamentais alcançadas pelo processo de nossa existência histórica. Dessa forma, a solidariedade foi proposta como tema da XII Semana da Cultura Religiosa, realizada em setembro de 2021, em meio ao segundo ano da pandemia da Covid 19. O tema foi escolhido para propor e estimular ações e atitudes solidárias em nossa sociedade que, de certa forma, vive um momento bastante denso e tenso, em que discursos de ódio, preconceito, discriminação e até pronunciamentos criminosos encontram respaldo e apoio em uma parcela da população. Aliado a este fato, as instituições e órgãos que deveriam coibir esses discursos se encontram omissos. Realizamos, portanto, a proposta de abrir um amplo debate sobre o tema da solidariedade, com uma diversidade de pessoas comprometidas com o cenário social, político, cultural e econômico.

À luz da “Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social”, do Papa Francisco, propomos, juntos, como nos apresenta em um dos capítulos da Carta, pensar e gerar

¹ FRANCISCO, FT 87.

² Doutoranda em Teologia PUC-Rio, professora da Cultura Religiosa da PUC-Rio.

³ Doutora em Teologia pela PUC-Rio, professora da Cultura Religiosa da PUC-Rio.

⁴ FRANCISCO, FT 98.

⁵ FRANCISCO, FT 67.

⁶ FRANCISCO, VG 3.

um mundo aberto. Uma Carta que versa sobre a amizade social e a fraternidade, expressão cristã sinônima do termo solidariedade. Viver é con-viver, é viver-com, é viver junto. Uma sociedade em que todos se sintam integrados e reconhecidos na sua plena dignidade humana, onde o cuidar da casa comum se torna imprescindível na perspectiva de uma nova inserção do ser humano na realidade histórica.⁷

Cabe a nós, cidadãos brasileiros, construir uma sociedade mais solidária, justa, inclusiva, responsável e cuidadosa com os mais fragilizados social e economicamente. Evidente que devemos cobrar que as instituições cumpram suas funções, mas como pessoas e como povo não podemos ficar indiferente a situação que outros brasileiros estão vivenciando. Assim, é pertinente relembrar e narrar um fato interessante sobre o processo civilizatório que demarca a condição humana.

Uma exigência à condição humana: o outro

Em tempos idos, um aluno perguntou à antropóloga Margareth Mead, o que ela considerava como sendo o primeiro sinal de civilização em uma cultura. (Um minutinho para você que está lendo parar, pensar e tentar adivinhar qual a resposta da antropóloga. Tempo: tic-tac, tic-tac, tic-tac.) O aluno esperava que Margareth Mead falasse algo como ferramentas para caça, utensílios, pedras para amolar, potes de barro ou algum artefato religioso. A resposta acerca da primeira evidência de civilização foi um fêmur fraturado e curado de 15.000 anos encontrado em um sítio arqueológico. E por que a antropóloga considera que este fêmur fraturado e cicatrizado é o primeiro sinal de civilização? Porque alguém cuidou dessa pessoa ferida para que esse osso pudesse cicatrizar. Alguém alimentou, carregou até um local seguro, medicou de alguma forma, tutelou o doente para que este pudesse se recuperar. O fêmur é o maior osso do corpo e o indivíduo não conseguiria sobreviver se não houvesse alguém que pudesse ocupar-se dele naquele momento de fragilidade. Há 15.000 anos, seguramente, este indivíduo com o fêmur fraturado seria presa fácil para outras espécies de predadores. Ajudar uma pessoa a atravessar uma dificuldade é o ponto inicial da civilização humana.

Reafirmamos, então que, na busca de caminhos à sobrevivência humana e planetária, é fundamental compreender a contribuição dada pela antropologia no processo de desenvolvimento do ser humano. Crescer na consciência de nossas responsabilidades com o outro e com mundo criado. O Papa nos fala da existência de um coração sem fronteiras, tão necessário à superação “do coração humano ferido pelo pecado” por acreditar na sua dominação sobre os outros e os bens da terra, “esquecendo-nos que nós mesmos somos terra”.⁸

Uma condição humana intrínseca ao dinamismo do seu amadurecimento biológico, psíquico, social e espiritual. Um dinamismo integrado, que apresenta, na sua própria condição,

⁷ FRANCISCO, FT 63-64.

⁸ FRANCISCO, LS 2.

a intrínseca relação dialógica entre o mundo interno e externo desse processo em desenvolvimento.⁹ No mundo em que estamos inseridos e que proporciona ou não possibilidades de um crescimento maduro, equilibrado e essencialmente integrado às dimensões de sua existência. Com isso, queremos afirmar que em todos os âmbitos o ser humano dialoga com ele mesmo, com o mundo, com o outro e com o transcendente. E, por isso, diante de suas experiências contextualizadas, há possibilidade de desenvolver uma autonomia responsável e madura. Dessa forma, ele desenvolve sua identidade, que deve assegurar sua constituição como um ser ativo e participativo no exercício de sua cidadania. É diante do outro que faz uma experiência de progressiva abertura de acolhimento e de identificação com o seu semelhante.¹⁰

O ser humano, como um ser relacional por excelência, tem na solidariedade/fraternidade elo constitutivo de relações promotoras de humanização. É o amor-cuidado, como interpretou Caetano Veloso pelos versos do compositor Peninha - “quando a gente gosta é claro que a gente cuida”, na canção cujo título é “Sozinho”. Entre um verso e outro, a música expõe “por que você me deixa tão solto?”, “por que você me esquece e some?” Quem ama, cuida, se importa e se interessa pelo outro.

Somente assim a vida será plena de sentidos, porque é o outro que livra o ser humano de viver fechado em si, correndo o risco de viver contrariamente à sua condição humana. O outro nos liberta do risco da desumanização, pois só “a abertura aos outros, que enriquece a própria identidade-autonomia, é vida.”¹¹ É na vida que a liberdade é construída e vivida, na relação com o outro. A liberdade cresce e amadurece no exercício da relação humana. Dessa forma, tem a possibilidade de lançar-se a diferentes experiências que possuam valor universal – não de forma abstrata, mas por ações sólidas que mobilizam e fortalecem a vida. Assim é o amor experimentado na doação à vida do próximo. Solidariedade e proximidade vinculam-se como exigência na experiência do amor – é o dinamismo da caridade, para além das boas ações há a disposição de um incansável desejo pelo reconhecimento da dignidade do outro, de se chegar à periferia existencial.¹² Alcançar a consciência da responsabilidade com a vida do outro, da sociedade, do planeta, mas essencialmente do pobre, o descartado, os “exilados ocultos, que são tratados como corpos estranhos à sociedade”¹³.

Nessa perspectiva, o ser humano deve buscar, sempre, orientar suas relações num processo de conversão de sua vida existencial. Inserido no contexto de sua realidade e atento às consequências do sistema global, aos sinais dos tempos, somos constituídos como sujeitos ativos diante da vida. Podemos, assim, contribuir ou não com o nosso processo humanizador e libertador. Reinaugurar a lógica do amor, da gratuidade, do serviço. O que só é possível diante do outro, na sua grande maioria, desfigurado de dignidade humana. “Quando a dignidade do

⁹ RUBIO, A nova evangelização e maturidade afetiva, p.39.

¹⁰ FRANCISCO, FT 95.

¹¹ RUBIO, A nova evangelização e maturidade afetiva, p.41.

¹² FRANCISCO, FT 91-95.

¹³ FRANCISCO, FT 98.

homem é respeitada e os seus direitos são reconhecidos e garantidos, florescem também suas inúmeras iniciativas a favor do bem comum”.¹⁴.

O Papa Francisco, profeta da esperança, convida-nos à solidariedade diante da violência instalada contra a humanidade e a criação. A vida deve ser expressa de forma integrada, como condição para a humanização, um projeto que deve ser alimentado por uma “globalização da esperança”, que seja força motora de um processo revolucionário, transformador nas relações humanas, pessoais e sociais. Um projeto que resgate a nossa sensibilidade à ingerência do mal e do sofrimento desenvolvido pelo sistema global. Na proximidade, ao sair de si ao encontro do outro, colocando-nos no lugar do outro reconheceremos de onde emana o sofrimento do excluído. Assim, tomamos a realidade como lugar de responsabilidade da ação transformadora, identificando as feridas que são entraves ao processo humanizador. Dessa forma, veremos que não há luta pela justiça que fique de fora. A luta pela terra, pela moradia e pelo trabalho, torna-se essenciais na prática por uma solidariedade mundial.¹⁵

A título de conclusão: a questão social como construção solidária

A proposta de inaugurar a ação solidária como prática no enfrentamento de um processo de resgate da nossa humanidade nos remete a uma fonte presente na tradição do cristianismo – o destino comum dos bens criados. Dois Documentos importantes da Igreja Católica marcam o caminho na relação com as questões sociais em diferentes contextos históricos: a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII e a *Laborem Exercens*, de São João Paulo II. Ambas expressam o diálogo entre a Igreja e a questão do capital em relação ao proletariado, às condições do trabalho. Hoje, um desafio de um modelo econômico global, que despreza o trabalho como de direito criado e criativo. Portanto, a defesa pelo trabalho e a destinação dos bens criados têm uma fundamental importância na perspectiva da solidariedade global. Como está na *Laborem Exercens*, “o fato que o trabalho humano é uma chave essencial, de toda a questão social”¹⁶ e nesse horizonte, a terra, o trabalho e a moradia, são direitos essenciais à dignidade humana. Todos se interligam ao direito que recebemos como família universal. Não defender o direito de todos à vida digna é deixar no caminho o abandonado, o ferido, o excluído destituído de sua dignidade e direito à existência.

É por toda a realidade de exclusão que o mundo assiste e vive a dor do sofrimento de famílias inteiras ao relento do abandono que, como cristãos, somos chamados a iniciar um movimento de atuação e de renovação como protagonistas sociais. Um processo de humanização, fortalecidos na prática do amor, elo fundamental no desencadeamento desse processo. Um caminho construído na solidariedade da ação coletiva. Somente no horizonte

¹⁴ FRANCISCO, FT 22.

¹⁵ FRANCISCO, Discurso na ONU, 25 de setembro de 2020.

¹⁶ LE 14.

solidário, de uma comunhão universal em prol do bem maior, um pacto social, como nos fala Francisco, daremos início a um processo de reconhecimento do outro ao direito de sua dignidade, direito à vida plena, à pertença a uma identidade social.¹⁷ “Quando uma parte da sociedade pretende apropriar-se de tudo que o mundo oferece, como se os pobres não existissem, virá o momento em que isso terá as suas consequências”.¹⁸

O Papa Francisco localiza na reorientação da vivência do amor a alteridade humana como condição de desenvolvimento que, só diante do outro ser humano, é capaz de reconhecer-se na sua liberdade como ser de humanidade e de ação, sujeito de sua própria história. Por isso, “ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica”.¹⁹

Questões para reflexão:

1. Durante a pandemia de Covid pudemos assistir a muitas ações solidárias e também a atitudes de profunda indiferença e individualismo. Em qual sociedade você prefere viver? Em uma comunidade altruística, compassiva ou em uma indiferente ao outro? Por quê?
2. De que maneira podemos contribuir em ações concretas que promovam a melhor distribuição dos bens?
3. Quais as atitudes que podemos realizar no interior da Universidade que demonstrem reais mudanças nas relações humanas?
4. Qual o lugar do pobre, do excluído, na minha vida? Na construção do conhecimento, qual o lugar que ele está?

Referências bibliográficas:

RUBIO, A. *A nova evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2ª.ed., 1993.

Documentos do Magistério

JOÃO PAULO II, *Laborem Excercens, sobre o trabalho aos olhos de Deus*, 1981.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html

FRANCISCO, *Laudato Si, sobre o cuidado da casa comum*, 2015.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

¹⁷ FRANCISCO, FT 218-221.

¹⁸ FRANCISCO, FT 219.

¹⁹ FRANCISCO, FT 87.

FRANCISCO. *Veritatis Gaudium, sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas*, 2017.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html

_____. *Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*, 2020.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

_____. *Discurso na ONU, 25 de setembro de 2020*.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200925_videomessaggio-onu.html